

EDUCAÇÃO FEMININA EM LIVRO DE LEITURA DA ESCOLA PRIMÁRIA, EM ASSÚ/RN (1925-1926)

Silvia Helena de Sá Leitão Morais Freire (UERN)
silviahpedagogia@gmail.com

Resumo: Este estudo objetiva analisar valores e saberes presentes na formação da professora Sílvia Filgueira de Sá Leitão, na escola primária, entre 1925 e 1926, em Assú/ RN por meio do livro de leitura *Contos pátrios* (1916). Integra-se ao Projeto *História da Educação Formal de Mulheres em Assú (1920- 1955)*, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Educação (NUPED), da UERN/ Campus de Assú. Respalda-mo-nos em conceitos teóricos metodológicos de autores que estudam a história da educação da mulher e sua participação nesse processo como: Perrot (2005), Louro (1997) e Almeida (1998). As fontes pesquisadas são vestígios deixados pela professora Sílvia Filgueira de Sá Leitão e em documentos detectados em arquivos públicos e privados da cidade de Assú. Sílvia Filgueira de Sá Leitão (1910-1982) atuou na docência do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia e da Escola Normal Regional de Assú. Compreender seus processos formativos na escola primária auxilia a desvelar como era educada a mulher na década de 1920, quais os valores, saberes e que perfis femininos os livros de leitura abordavam. Os processos formativos destinados às mulheres presentes em *Contos Pátrios* propunham a formação feminina baseada em uma preparação intelectual, moral e familiar.

Palavras- chave: Mulher, Educação Primária, Livro de Leitura.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo analizar los valores y los conocimientos actuales en la formación de maestros Silvia Filgueira de Sá Leitão, la escuela primaria entre 1925 y 1926, Assu / RN a través de la lectura del libro *Cuentos patrióticos* (1916). Integración con el Proyecto de Historia de la Educación Formal de la Mujer en Assu (1920 - 1955) y vinculados con el Centro de Investigación en Educación (NUPED) de UERN Campus del Assu. Estamos de acuerdo con conceptos teóricos metodológicos de los autores que estudian la historia de la educación de las mujeres y su participación en este proceso como: Perrot (2005), Rubia (1997) y Almeida (1998). Las fuentes estudiadas son las huellas dejadas por la profesora Sylvia Filgueira de Sá Leitão y documentos que se encuentran en los archivos públicos y privados de la ciudad de Assu. Sylvia Filgueira de Sá Leitão (1910-1982) trabajó en la escuela primaria la enseñanza de teniente coronel José Correa y Regional de la Escuela Norma Assu. Comprender sus procesos de formación en la escuela primaria ayuda a revelar cómo la mujer fue educado en la década de 1920, que los valores, perfiles de conocimiento y mujeres leyendo libros dirigidos. Los procesos de formación para las mujeres en estos cuentos nativos propusieron la formación basada en la preparación de una hembra moral intelectual, y la familia.

Palabras clave: Mujeres. Educación Primaria. Libro de lectura

Na presente pesquisa, analisamos valores e saberes presentes na formação da professora Sílvia Filgueira de Sá Leitão, na escola primária, entre 1925 e 1926, em Assú- RN, por meio do livro de leitura *Contos pátrios*, de Olavo Bilac e Coelho Neto (1916), editado pela Francisco Alves, no Rio de Janeiro. No período histórico recortado para a pesquisa, a referida professora estudava no curso complementar, do Grupo

Escolar Tenente Coronel José Correia, em nível de ensino correspondente ao quinto e sexto ano da escola primária.

O desenvolvimento deste trabalho articula-se à participação no projeto *História da educação formal de mulheres em Assú/RN (1920-1955)*, no qual, nosso recorte de pesquisa consistia na análise de livros de leitura que Sílvia Figueira de Sá Leitão teve acesso na escola primária, na década de 1920.

A assuense Sílvia Filgueira de Sá Leitão é filha de Luís Correia de Sá Leitão e Maria Carolina Filgueira Caldas. Nasceu em 17 de outubro de 1910, na Rua Frei Miguelinho, nº 137, e faleceu em 05 de setembro de 1982, na cidade de Assú/RN. A busca por vestígios dessa professora nos aproximou do seu arquivo privado, composto de livros de leitura, cadernos manuscritos de poesia, correspondências, fotos, adornos pessoais, croquis, jornais da época e artigos religiosos.

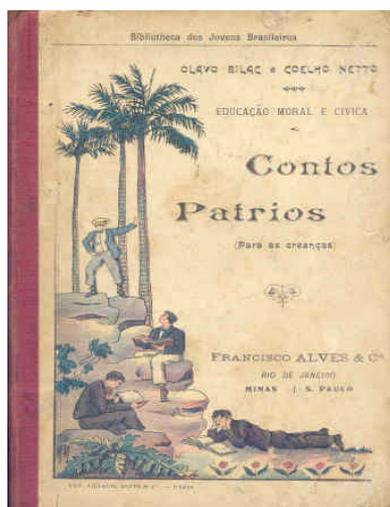
Silva (2007a, p. 2), fazendo referência às reflexões de Perrot (2005), considera que esses vestígios, durante muito tempo, foram considerados “mil nada”, “quinhilharias” da existência feminina. Atualmente, eles funcionam “como valiosas fontes sinalizadoras das maneiras como as mulheres viveram, foram educadas e educaram outras mulheres e homens”.

Nessa atividade de pesquisa em arquivo, detectamos o livro *Contos Pátrios* de Olavo Bilac e Coelho Neto, uma 14ª edição da Livraria Francisco Alves, exemplar conferido como *Prêmio Coronel Pedro Soares* por distinção escolar, em 1919, a Francisca Dulce, irmã de Sílvia Filgueira de Sá Leitão, no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. Ainda é possível perceber, nesse exemplar, uma dedicatória de oferecimento produzida pela professora do referido Grupo Escolar, Clara Leitão, assim como são visíveis, marcas de leitores, a exemplo das produzidas pelas irmãs Sá Leitão.

Olavo Bilac e Coelho Neto, os autores de *Contos Pátrios*, tiveram participações relevantes na produção de livros escolares e na literatura brasileira. Suas produções foram lidas em todo o país. Olavo Bilac era jornalista, inspetor de ensino, teve intensa participação na política e em campanhas cívicas, fundou vários periódicos, como *A Cigarra*, *O Meio*, *A Rua*.

Coelho Neto ocupou o cargo público de secretário do governo do estado do Rio de Janeiro. Foi professor de história das artes e literatura. Manteve sua atividade

literária em revistas e jornais, sendo um prosador brasileiro bastante lido nas primeiras décadas do século XX¹.



Contos Pátrios (14ª edição, 1916).
Arquivo de Sílvia Filgueira de Sá Leitão.

O livro *Contos Pátrios* amplamente divulgado e utilizado na escola primária brasileira, também marcou presença em Assú, colaborando para a formação escolar dos alunos e alunas, como Sílvia Filgueira de Sá Leitão. Composto por 23 contos, discute acerca dos valores morais, os quais pregam amor à pátria republicana, enaltecendo a construção de um cidadão que participasse da edificação de uma sociedade civilizada. Os autores também explicitam a educação concedida ao sexo feminino, enaltecendo a formação de uma boa esposa, mãe virtuosa e, conseqüentemente, a formação de mulheres que participassem da educação de futuras gerações. Foram esses elementos notados nos contos que deram impulso à escolha desse livro para desenvolver nossa pesquisa.

Na pesquisa, um dos primeiros passos, após as atividades realizadas nos arquivos, foi o estudo de referências que discutem práticas e processos formativos de mulheres. Como exemplo dos referenciais, citamos Louro (1997), que ressalta a inserção das mulheres no magistério e os caminhos por elas percorridos para ampliar o universo social, até então restritos ao lar e à Igreja. Nessa discussão, a autora ainda enfoca a primeira Lei do Ensino Primário que regulamentou a participação da mulher na sala de aula, na condição de docente e de aluna.

¹ Informação disponível no site <www.colegiosaofrancisco.com.br>. Acesso em 31 de julho de 2008

Nesse percurso, estudamos também Perrot (2005), evidenciando os processos socioeducacionais das mulheres e suas formas de ser e de fazer em diferentes épocas e espaços, ressaltando suas participações como sujeitos históricos e de memórias. A pesquisadora reconstituiu memórias de mulheres a partir de arquivos privados, a exemplo dos sótãos, dos baús nos quais elas guardavam “correspondências familiares, diários íntimos, cuja prática era recomendada para as moças por seus confessores e, mais tarde, por seus pedagogos, como um meio de controle de si mesma.” (PERROT, 2005, p. 35).

Outra autora contemplada, Silva (2007), versa sobre o ensino da leitura e da escrita na escola primária potiguar em 1920, destacando materiais de leitura utilizados em sala de aula, como o *Primeiro* e o *Segundo livro de leitura*, de Felisberto de Carvalho (1946). Silva (2007) também afirma que tais materiais didáticos não eram indicados pela legislação educativa do estado para o ensino da leitura e da escrita em sala de aula. Os livros indicados eram, por exemplo, os de Mariano de Oliveira, a *Nova Cartilha Analítico-Sintética* (S.d.) e a *Cartilha Ensino Rápido da Leitura* (1955).

Contos Pátrios, assim como os livros de leitura de Felisberto de Carvalho, não constava na lista dos que eram utilizados no curso complementar primário, frequentado por Sílvia Filgueira de Sá Leitão, no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. No Regimento Interno dos Grupos Escolares (1925, p.84), os livros indicados para este nível escolar compreendiam:

Como se aprende a língua, de Sampaio Doria; *Geografia primária*, de Veiga Cabral; *Pequena História do Brasil*, de Francisco Vianna; *Aritmética Progressista*, de Antonio Trajano; *Manual Cívico*, de Araújo Castro; *Pequena História do Brasil*, de M. da Veiga Cabral; *O que o cidadão deve saber*, de A. de Sampaio Doria e *Aritmética complementar*, de Tito Cardoso.

Em outra etapa do trajeto metodológico, realizamos uma leitura atenta dos 23 contos que compõem a obra em destaque, selecionando para este estudo, *A Pátria*, *A Partilha* e *A Borboleta Negra*, por focalizarem a mulher e a educação, de modo mais recorrente. Após a leitura, fizemos um quadro de informações sobre imagens de mulheres e suas formas de ser e de agir. Investigamos ainda, o Regimento Interno dos Grupos Escolares do Estado (1925), atentando para os saberes e os livros utilizados pela escola primária, em particular, no curso complementar. Após essas tarefas, iniciamos o processo de análise dos dados, tomando como ponto de partida os três contos selecionados da obra de Olavo Bilac e Coelho Neto.

O processo de análise teve início a partir do conto *A pátria*, onde observamos que as informações das imagens femininas enaltecem o perfil da mulher boa esposa e companheira. A narrativa do conto enfoca a vida de um casal marcado pelo destino da guerra do Paraguai. O esposo perdera a perna em um dos combates. À noite, quando a família se reunia na sala de jantar, lembrava os episódios que vivera na guerra. A esposa relembra os dias de angústia, sem notícia do marido querido e seu encargo de cuidar e educar sozinha, os filhos:

Quando o pai voltou da guerra, vinha major. Fora ferido. Perdera a perna. A mulher abençoou essa desgraça. Ao menos, assim mutilado, ficava ele posto à margem, dispensado de voltar à mesma existência de perigos e canceiras. Podiam viver modestamente com o seu soldo. Qualquer outro trabalho leve de que se pudesse encarregar, dar-lhe o suficiente para educar os filhos. Carlos, o mais velho, preparar-se para qualquer profissão honrosa e tranqüila (nunca a profissão do pai): - e Alice, a mais moça, casaria, seria feliz. E a boa mãe já sorria, prevendo para sua velhice essa felicidade absoluta: toda a família reunida, calma e livre de desgostos, numa vida sem luxos, mas sem privações (BILAC; NETO, 1916, p.69).

Em *A partilha*, vislumbramos o perfil de mulher mãe, que zela pelos filhos. O texto conta a história de uma viúva e seus dois filhos pequenos, que atravessam por dificuldades financeiras. A mãe frágil tenta superar a dor causada pela doença e pela fome. Sofre diante da falta de comida para alimentar seus filhos. Essa condição a faz esquecer até da precária saúde, mas não lhe escapa a missão de mãe e de educadora dos filhos:

Cantava e as lágrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face magra e pálida. Sofria, mas como era preciso que o pequeno adormecesse, cantava, indo e vindo, devagar, embalando nos braços a criança. O mais velho três anos, olhava-a sorridente e, de quando em quando cantarolava ‘Estou com fome, mamãe, estou com fome...’ [...] – Não chores! Olha que vai acordar o maninho. Espera. E, desabotoando, o corpinho tirou o peito farto, pojado de leite e espremeu-o, trincando os lábios descorados por onde as lágrimas corriam fio a fio e, entregando a tigelinha ao filho: – Toma! E não faças bulha [...] (BILAC; NETO, 1916, p. 33-34).

No conto *A Borboleta Negra*, ressalta-se a maternidade como um papel relevante na vida de uma mulher. Retrata a história de dois irmãos, Henrique e Leonor, e o cão Leão, que adoravam caçar borboletas no campo. Certo dia foram eles em busca de belas

borboletas. Leonor, ao longo do caminho, maravilhava-se com a beleza desses pequenos animais. O cão Leão sempre à frente desbravando o matagal, ladrava intensamente chamando a atenção dos irmãos. Quando os dois se aproximaram viram um embrulho e perceberam que alguma coisa agitava-se dentro dele, ecoando rumores. As crianças abrem o embrulho e encontram uma criança negra recém-nascida. “Leonor com a seriedade de uma mulher feita embala a criança” (BILAC; NETO, 1916, p.134):

– Jesus! É uma criança recém-nascida que está dentro do embrulho de flanela; é uma criancinha preta, vagindo de manso, de manso, com os olhinhos fechados. Leonor sentada no chão, põe no colo a criaturinha de pele negra, e começa a embalá-la, já com a seriedade de uma mulher feita: – Coitadinha! Coitadinha! [...] Então Leonor tem uma idéia: – Henrique, vamos fazer uma surpresa à mamãe! Vamos levá-la esta pretinha! Henrique dá um salto de alegria: – Vamos, Leonor! E Leonor levanta-se, acomoda-se no colo o embrulho de panos e flanelas. [...] E, enquanto o cão salta e late, Henrique exclama: – Mamãe! Mamãe! Venha ver uma borboleta negra que caçamos no mato! Quando a mãe chega à varanda, pára à porta, espantada. É Leonor, com a voz tremula, pergunta: – Não é verdade, mamãe, que não podíamos deixar morrer de fome esta coitadinha? Que mãe malvada, mamãe! Que mãe malvada, que preta malvada a que abandonou assim esta filhinha! Não é verdade que mamãe também vai ser mãe dela? – É verdade, minha filha! – diz a mãe. – Foi Deus quem conduziu vocês... Fizeram bem! [...] E tomou nos braços a criancinha negra, única borboleta que Henrique e Leonor e o Leão caçaram nesse dia (BILAC; NETO, 1916, p. 133-138).

Nos contos em análise, a educação concedida ao sexo feminino enfoca tradicionais funções sociais que a mulher deveria exercer: o de esposa, de companheira, de mãe e de educadora da prole. Estes elementos, conforme analisa Silva (2007a, p. 1-2), “são marcas de um processo educativo, onde a partilha dos papéis sociais de homens e de mulheres é enfocada, deixando transparecer os espaços de atuação de cada um desses sexos, e as relações de poder existente”.

O modelo de mulher mãe, educadora de futuros cidadãos, torna-se um referencial nos processos de educação feminina na escola e na vida privada. Nesse sentido, Pinheiro (2003, p. 4) afirma que “a relação entre maternidade e educação faz com que esse gênero passe a ser a referência na função de educar a sociedade para além do espaço educacional doméstico”.

Almeida (1998, p. 18-19), discutindo a condição da mulher e as maneiras de educá-las para as atividades do espaço privado e para a maternidade, também aborda que esse pensamento educativo compreendia a mulher assumindo os papéis de mãe e

esposa: “Para quem o lar era o altar no qual depositava sua esperança de felicidade e, sendo o casamento sua principal aspiração, era indicada para ser a primeira educadora da infância, o sustentáculo da família e da pátria”.

Os modos de viver de Sílvia Filgueira de Sá Leitão sinalizam que os tradicionais papéis sociais femininos, explorados em *Contos Pátrios*, fizeram parte de sua educação. Dentre esses papéis exigidos para uma moça adquirir respeito e representatividade, destacam-se o trato social, as prendas do lar, as boas condutas, a doçura, a formação escolar e o empenho na arte de educar outros sujeitos. Papéis que podem ser percebidos nas imagens que Maria Carolina Wanderley Caldas produziu sobre Sílvia Filgueira de Sá Leitão, no poema abaixo:

Sílvia de Sá Leitão

*É de boa estatura, a tez morena,
Tem dulçor, seu olhar,
O sorriso é suave, qual se fosse,
Um lírio a desabrochar*

*De rara inteligência, é esforçada,
Com zelo, com magia...
Tem cadernos de ponto e tem ainda,
De canto e poesia*

*Tem uma paciência inesgotável,
Na arte de ensinar,
Vai à aula depois dos seus deveres,
No recinto do lar!*

*É muito preparada lá no Grupo,
Quinau, ninguém lhe passe!
Foi por merecimento nomeada,
Adjunta de classe*

*Depois este lugar foi suprimido,
Pelo Departamento,
Mas ela, não ficou jamais avulsa
Nem mesmo um só momento*

*É pronta, a concorrer com seu auxílio
A quem a procurar
Ela vai com denodo e com carinho,
As turmas ensinar...*

*Eu dou-lhe o meu aplauso, o meu abraço,
De todo coração
Saudando a professora competente,
Sílvia de Sá Leitão.*

(CALDAS, S.d.).

Sílvia Filgueira de Sá Leitão não se uniu em matrimônio. Entretanto, as funções do lar e de educadora, assim como as responsabilidades pela formação de outros sujeitos, não deixaram de ser desempenhadas, à medida que se tornou professora primária, educando meninos, meninas, moças e rapazes, e assumindo os cuidados com a sobrinha Maria da Anunciação de Sá Leitão Moraes, órfã materna aos dois anos (LEITÃO, 1946-1978).



Sílvia Filgueira de Sá Leitão, a segunda da esquerda para a direita (1936). Acervo da família.

Os elementos de formação da mulher explorados em *Contos Pátrios* se expressam também nas disciplinas da escola primária que Sílvia Filgueira de Sá Leitão frequentou.

Nas atividades da disciplina Trabalhos manuais, as meninas aprendiam elementos de costura, como “pontos, trabalhos usuais em lã, rendas, entremeios, camisas e trabalhos com modelagem de flores, folhas e papel” (REGIMENTO INTERNO DOS GRUPOS ESCOLARES, 1925, p. 81). A mulher, nessa perspectiva de formação, poderia se responsabilizar pelas vestimentas de filhos e maridos e o enxoval da casa, ou desenvolver uma atividade remunerada, costurando e bordando para outras

famílias. Essas práticas faziam parte do domínio do lar, e este domínio constituía parte do destino feminino, conforme afirma Louro (1997, p. 446):

As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as de mando das criadas e serviçais, faziam parte da educação das moças, acrescidas de elementos, que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente.

Sílvia Filgueira de Sá Leitão, ao se tornar adulta, dedicava-se além das funções educativas, como professora, às atividades de corte e costura. A confecção de colchas, bordados, rendas e de estolas eram suas especialidades manuais.

Percebemos assim, que elementos formativos das disciplinas escolares e dos livros, como *Contos Pátrios*, destinados às mulheres, visavam ajudá-las na administração do lar e na educação dos filhos. Nesse contexto, a professora Sílvia Filgueira de Sá Leitão e as mulheres de seu tempo foram educadas, se apropriando de habilidades consideradas primordiais ao sexo feminino.

Silva (2007, p. 7) observa que “em conexão com esse ideário educativo, a sociedade de Assú fundou escolas primárias e secundárias femininas”, para formar as mulheres. A exemplo de outros contextos históricos brasileiros, em Assú as mulheres foram ocupando espaços públicos, para além das funções domésticas, atuando no campo das letras e da educação. Como exemplo, destaca-se a professora pesquisada nesse estudo, Silvia Filgueira de Sá Leitão, que foi professora no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia e na Escola Normal Regional de Assú, contribuindo com a educação de gerações de assuenses, por mais de três décadas.

Desse modo, este estudo torna-se relevante para a análise não apenas da educação de uma mulher professora no início do século XX, mas para compreender maneiras de educar o sexo feminino e a professora no contexto socioeducacional de Assú e do Rio Grande do Norte. Entendemos sua produção como mais uma leitura da história da educação da mulher. Desenvolvê-la constituiu-se um significativo caminho para nossa compreensão acerca da sociedade, dos papéis sociais exercidos pelas mulheres, das práticas educativas escolares direcionadas ao sexo feminino.

Referências

- ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998.
- BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. *Contos Pátrios*. 14 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.
- CALDAS, Maria Carolina Wanderley. *Sílvia de Sá Leitão*. (Poesia), Assú/RN. Manuscrito, S/d.
- LEITÃO, Sílvia Filgueira de Sá. *Caderno manuscrito – Poesias*. 1943-1978. Assú-RN. (Manuscrito).
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto-UNESP, 1997.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. In: *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru/SP: EDUSC, 2005.
- PINHEIRO, Rossana Kess Brito de Souza. *História da educação das mulheres em Natal (1889-1899)*. 2003. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade do Rio Grande do Norte, Natal.
- RIO GRANDE DO NORTE. Departamento de Educação. *Regimento Interno dos Grupos Escolares*. Typographia de A República. Natal, 1925.
- SILVA, Maria da Conceição. Ensino de leitura e escrita: a escola primária potiguar em 1920. In: ARAÚJO, Júlio César; DIEB, Messias. *Linguagem e educação: fios que se entrecruzam na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- _____. História da educação formal de mulheres em Assú/RN (1920-1955). *Anais da I Jornada de estudos e pesquisas em educação e planejamento de ensino*. Pau dos Ferros/RN: UERN, 2007a. CD-ROM.
- GRUPO ESCOLAR. Resultado dos exames ultimamente procedidos. *A Cidade*, Assú, 07 set. 1922. n. 360, p.6.